

Rio de Janeiro, 27 de abril de 2016

Mariana,

Te escrevo com urgência, pois é urgente o que tenho para trocar com você. Nada do que está sendo aqui escrito foi planejado, não eram essas palavras que aqui e agora se inscrevem neste papel que eu havia reservado a você. Deixo então as palavras que querem de você se ocupar saírem deste meu corpo e encontrarem o seu, eu aqui sou apenas via, meio, canal capaz de auxiliar o meu corpo a conversar com o seu corpo, aqui não há tempo para o pensamento elaborado ou reflexões mais articuladas, não é o momento de ponderar, apenas seguir o fluxo e deixar que as palavras falem através de mim e sigam alegremente ao seu encontro. No dia 22 de abril de 2016, feriado de Tiradentes, eu estava em casa com o Diogo Liberano, integrante da minha companhia de teatro, eu no meu computador fazendo as mesmas coisas de sempre: lendo, e escrevendo e ele no computador dele fazendo, acredito, nada muito diferente do que eu fazia, mais ou menos a uma da tarde Diogo começa a se arrumar para sair, mas antes de se despedir ele estanca na porta do meu quarto e, sem pedir licença, dispara a me dizer uma série de coisas que fez o meu corpo convulsionar. Disse ele com a voz alterada e com o corpo dando pequenos saltos a cada palavra, que diante da gravidade do momento que estamos vivendo em nossa cidade e País, diante desta corruptibilidade generalizada, diante dessa tentativa de golpe a uma democracia que não fez 30 anos de vida, diante de tantos descabros nós não poderíamos estar ali, em casa, sentados diante do computador, não! Disse ele: “nós tínhamos que estar nas ruas botando pra quebrar, colocando fogo em roupas, fazendo barricadas, parando trânsito, fazendo escândalo! É urgente! Não faz nem uma semana houve a votação pela abertura do processo de Impeachment e presenciamos uma das situações mais vergonhosas da história do nosso País, nossa democracia está sofrendo um golpe e nós estamos aqui? Dentro de casa? Eu estou indo trabalhar e isso é horrível, porque o que eu queria era parar tudo, acionar o corpo, ir para a rua e botar para fuder!”. Enquanto ele falava eu levantei da cadeira do computador e comecei a andar de um lado para o outro do quarto até me jogar na cama de bruços, rendida e sufocada, meu corpo tremia por dentro e por dentro eu me rasgava e o Diogo foi embora me deixando ali, estirada na cama, ele foi embora sem se despedir e me deixou sozinha com o corpo em erupção.

Mariana, não sei se você conseguiu acompanhar o que eu tentei te apresentar, não sei se fui capaz de te fazer enxergar o tamanho do estrago (e digo estrago no melhor dos sentidos) que o Diogo fez no meu corpo com o seu discurso, ou melhor, com a sua provocação, a minha vontade, assim que ele partiu, foi de gritar até ficar sem voz; ir para a cozinha e quebrar todos os pratos e copos da casa; girar em torno do meu próprio eixo até cavar um buraco no chão de cimento. O que o Diogo fez com a sua provocação foi despertar em mim a lucidez e a força da indignação, foi devolver ao meu corpo a capacidade de reação, pois nesta semana que se passou, semana em que presenciamos a votação pela abertura do impeachment contra a nossa presidenta; semana em que presenciamos tantos deputados justificando seus votos a favor do impeachment, por suas famílias, por Deus, pela pátria e contra a corrupção sendo a maioria deles indiciados por corrupção; deputados homenageando torturadores e enaltecendo o golpe militar; semana em que, um dia após a votação, a revista Veja publica uma matéria apresentando à sociedade a esposa do nosso vice-presidente Michel Temer e “futura primeira dama”, como um exemplo de mulher “bela, recatada e do lar”, expressão que dá título a reportagem e trás nela embutida um exemplo de mulher a ser seguido: usar roupas claras e saias abaixo do joelho, só sair de casa para levar o filho na escola e para se ocupar da beleza, ter a pele clara, cabelos claros, pouca fala e gestos inofensivos. A reportagem enaltece a posição submissa e objetificada da mulher, endossa o machismo e o conservadorismo presentes em nossa sociedade e termina dizendo que Michel Temer é um homem de sorte. Nesta semana que passou, por tudo que aqui foi relatado, meu corpo não aguentou e ficou adormecido, amortecido, mortificado, sem reação possível, sem resposta cabível, mas as falas do Diogo inflamaram o meu corpo, me encheram de vida e me despertaram para a ação. Era preciso urgentemente responder ao que me tomava por completo, responder à altura da fraqueza que o meu corpo sentia, era uma questão de responsabilidade, era uma questão de vida. Há alguns meses li no livro “Ações” da Eleonora Fabião algo que me tocou profundamente, são escritos do professor e artista Pablo Assumpção nos colocando diante da responsabilidade que temos em responder à existência, é um chamado, uma convocação para o pensamento e para a ação nos diz Assumpção à luz dos pensamentos de Mikhail Bakhtin: “para Bakhtin, não há alibi para a existência, isto é, não é possível negar o fato de que assumimos um lugar único no mundo, de onde

somos convocados eticamente a responder a esse mundo. Em outras palavras, não é possível dizer 'não, eu não estava lá', pois é precisamente o fato de 'estar lá' que nos permite inclusive dizer qualquer coisa. Porque existimos e somos particulares, não somos dados ao luxo de sermos indiferentes. Ao contrário, temos a responsabilidade de responder à existência, e essa 'responsabilidade' se articula precisamente em atos (pensamentos-atos, movimentos-atos, criações-atos)" ¹. E naquele momento, naquele 21 de abril, depois que o Diogo foi embora e eu não parava de tremer, compreendi que era preciso assumir com urgência o meu lugar no mundo respondendo às feridas que o machismo e o conservadorismo cravaram em meu corpo, feridas que por conta da reportagem da revista Veja voltaram a arder e a machucar e você sabe Mariana o quanto estas feridas doem em mim e eu também sei o quanto doem em você (talvez o conservadorismo seja mais dolorido para mim já que tive uma educação católica tanto em casa quanto na escola, mas sei que o machismo é uma ferida grosseira tanto para mim quanto para você). Não havia tempo para ponderação, minha querida, eu não poderia me dar ao luxo de ser indiferente à minha existência, era preciso assumir o meu lugar no mundo e assumi-lo como venho fazendo há alguns anos em minha pesquisa e prática artística, apresentar ao mundo através do meu corpo *Figura*, o que seria para mim a imagem da mulher "bela, recatada e do lar". Vou me vestir com o vestido de noiva que eu ganhei do Andréas (e que foi o vestido usado pela sua mãe em seu casamento), pensei, vou sair às ruas, compor a imagem da noiva e muito belamente vestida, vou defecar na rua, sim, vou defecar e não só vou fazer isso como vou assumir os meus atos publicamente, agora é guerra, pensei comigo mesma, e é guerra porque não vou me privar e nem privar quem quer que seja e isto inclui a minha família, de saber exatamente quem eu sou, qual é o meu trabalho e como eu me posiciono diante do mundo, o momento é urgente, a situação é grave, se preciso for vai ter cuspe e vai ter defecação, vai ter excreção de todo tipo vazando pelos buracos do meu corpo a parte já morta e em meu corpo decomposta da sociedade conservadora, machista, homofóbica e racista que me formou e que ainda me constitui, em tempos de "necropolítica" como o que estamos vivendo, vai ter feminismo não como humanismo, mas como animalismo produzindo "necroestética", como nos diz Paul B. Preciado em

¹ COSTA, Pablo Assumpção B. *Eleonora e o corpo performativo, poéticas do ato, materialidades do encontro*. In: FABIÃO, Eleonora; LEPECKI, André. *Ações*. Rio de Janeiro: Tamanduá Arte, 2015, p. 261, 262.

uma matéria publicada em 2014 pelo jornal “O POVO online: “senhoras, senhores e outros, de uma vez por todas, o feminismo não é um humanismo. O feminismo é um animalismo” inicia a sua fala Preciado e continua: “o animalismo revela as raízes coloniais e patriarcais dos princípios universais do humanismo europeu. (...) Já que toda a modernidade humanista soube apenas fazer proliferar tecnologias da morte, o animalismo deverá convidar a uma nova maneira de viver com os mortos. Com o planeta como cadáver e como fantasma. Transformar a necropolítica em necroestética. O animalismo torna-se portanto uma festa fúnebre. Uma celebração do luto. O animalismo é rito funerário, nascimento” ². Fazendo uso das palavras de Preciado e atenta ao seu chamado, o que o meu corpo pedia naquele dia 21 era ir para a rua celebrar o luto da instituição casamento, da instituição igreja, da instituição família; festejar a imagem fúnebre da mulher “bela, recatada e do lar”; revelar nossas raízes coloniais e patriarcais expelindo fezes humanas em espaço público. Em 2007, enquanto eu cursava licenciatura em Artes Cênicas na Unirio e fazia uma disciplina de performance, elaborei e executei uma ação na qual muito belamente vestida, dentro dos padrões normativos hegemônicos (sandália de salto, calça jeans, blusa colada ao corpo, maquiagem e cabelos longos soltos), eu me colocava na calçada em frente a um dos mais frequentados Shoppings da cidade, o Rio Sul, e ali abaixava as calças e defecava. A necessidade de refazer este gesto me pegou de surpresa, não imaginava que nove anos depois eu voltaria a sentir uma necessidade vital de expelir em forma de fezes a violência que a sociedade machista e conservadora deposita diariamente sobre mim, mas naquele 21 de abril meu corpo pediu escoamento, pediu excremento, pediu animalidade. Liguei para o Lucas Canavarro (grande amigo e parceiro que costuma filmar e fotografar performances minhas), convidando-o a me acompanhar na ação, ele prontamente aceitou o convite, mas pediu que eu adiasse a ação para o dia seguinte pois naquele momento ele estava sem a sua câmera, pedido consentido, convidei também uma grande amiga e parceira, a Ayumi, para me ajudar na composição da vestimenta, ela também topou e decidimos nos encontrar as quatro horas da tarde do dia 22, uma sexta-feira, em sua casa no bairro do Catete, para dali seguirmos para a rua

² <http://www.opovo.com.br/app/colunas/filosofiapop/2014/11/24/noticiasfilosofiapop,3352134/o-feminismo-nao-e-um-humanismo.shtml>. Acesso em 28 de abril de 2016.

(nos pareceu interessante fazer a ação no Catete pela grande concentração de igrejas católicas naquela região). Conforme planejado cheguei à casa da Ayumi as quatro horas da tarde com flores de cores variadas que eu havia comprado no caminho, o Lucas chegou em seguida, Ayumi preparou o buquê e fez em meu rosto uma maquiagem dessas bem femininas. Antes de colocar o vestido de noiva eu escrevi em minha barriga com caneta marcador da cor preta a frase: bela, recatada e do lar. Dispensei a calcinha, coloquei o vestido, calcei uma sandália de brilhante e cobri a minha cabeça com um véu preso por um arco. Perto das cinco da tarde eu, Ayumi e Lucas saímos pela porta da casa rumo à rua. Ao colocar os pés na rua do Catete a primeira coisa que fiz foi procurar um lugar para deitar no chão e com isso brincar com a imagem de mulher “do lar”, encontrei o meu pedaço de chão em frente a uma igreja onde já havia um morador de rua sentado sobre ele, esparramei meu corpo pela calçada, esfreguei meu vestido de noiva no chão, coloquei o meu buquê de flores entre as pernas e permaneci durante alguns segundos fazendo poses para a câmera. Pessoas do outro lado da rua começaram a reagir ao que viam, algumas diziam que eu havia sido abandonada pelo marido, outras que eu havia fugido do casamento, alguns homens chegaram a gritar “levanta esse vestido”! E o que eu fiz foi me levantar do chão e continuar a caminhada. Era chegada a hora de brincar com a imagem de mulher “recatada”. Saí da rua do Catete em direção à Bento Lisboa, no caminho busquei a câmera e caminhando em sua direção levantei o vestido deixando a mostra a minha vagina e, assim, com o sexo exposto, caminhei por alguns metros. Na rua Bento Lisboa, ao lado de uma banca de jornal eu me posicionei, busquei novamente a câmera, levantei o vestido, fiquei de cócoras e defequei. Mariana, meu corpo transpirava alegria, a cada passo que eu dava, a cada gesto que eu fazia ao invés de enfraquecer (o que poderia acontecer dependendo dos encontros no fora e com os outros na rua), eu me fortalecia, e não sei se foi a minha convicção e a certeza do que eu ali fazia, mas fato é que, apesar da radicalidade dos meus gestos, não recebi em nenhum momento de quem quer fosse nenhum tipo de fala agressiva e/ou gesto violento, diferente de como foi em 2007 quando defequei em frente ao Rio Sul, algumas mulheres passaram por mim e me chamaram de depravada e de drogada; um homem (esse eu não vi, nem escutei, mas amigos que presenciaram a performance me contaram) ameaçou me bater, mas nada disso aconteceu naquela sexta-feira dia 22, nem mesmo quando eu já no Largo do

Machado, na escadaria da igreja Matriz de Nossa Senhora da Glória, abaixei o vestido de noiva até o quadril deixando a mostra os meus seios e revelando a inscrição em minha barriga: “bela, recatada e do lar”, nem mesmo ali eu sofri alguma reação violenta. De costas para a igreja, levantei os braços erguendo o buquê de flores para o céu e deixando a mostra seios e pelos, no alto da escadaria eu brincava com a imagem da mulher “bela”, afinal, uma mulher com pelos nas axilas pode ser considerada uma mulher bela? Eu te considerei bela quando te vi pela primeira vez, eu não me esqueço, a sua imagem de mulher me causou grande admiração. É uma confissão. Quando te conheci em novembro de 2014 eu estava começando a performance FIGURAÇA, estava começando a desconstruir a imagem padrão da mulher que sempre me vestiu (e sempre me feriu), e já estava em um bom caminho, eu usava bengala, cabelos presos em coque com faixa preta na cabeça, blusa de lã e calça de algodão com anéis de brilhante nos dedos, eu já havia encontrado maneiras para quebrar regras e normas que me sufocavam, mas você, você já naquela época era outro tipo de mulher, um tipo que até então eu não havia convivido de perto. Você tinha pelos nas axilas, cabelos curtíssimos, não usava sutiã, você se colocava fora dos padrões e normas a que eu estava acostumada a ver como mulher. Você era mulher, mãe e esposa, assim como são as mulheres da minha família, mas de uma maneira como até então eu não tinha visto e ao te ver e conviver com você mais de perto, compreendi que é possível ser mulher de outra forma e que essa outra forma também pode ser bela. Depois de FIGURAÇA e de tantas outras Figuras que criei, sei que você, assim como eu, é outro tipo de mulher e isso simplesmente por ser capaz de quebrar com os padrões hegemônicos da imagem do feminino. Naquela sexta-feira dia 22 de abril quis apresentar aos olhos dos outros este outro tipo de mulher que agora me habita e o fiz de forma radical que era o que o momento me pedia, e senti medo ao caminhar durante todo o trajeto de volta para a casa da Ayumi, na rua do Catete, com os seios expostos (pois depois de tê-los revelado, não quis mais cobri-los), confesso mais uma vez, senti medo sim, mas a alegria que eu sentia ao dar a ver publicamente a imagem padrão de mulher “bela, recatada e do lar” composta e reconfigurada em minha imagem de mulher era tamanha, que não me deixou enfraquecer. A Figura que criei para esta ação com a ajuda da Ayumi e do Lucas, diferente de como foi até hoje com as outras Figuras já criadas, estabeleceu uma relação direta com a câmera, pois a produção de imagem era o que de mais forte estava

em jogo para mim naquele dia. E ainda que eu não tenha dito uma só palavra durante toda a ação, “Bela, recatada e do lar” (assim nomeei a performance), foi um ato de fala e de imagem em cima de outro ato de imagem e de fala que nos é diariamente imposto pela parte desta sociedade conservadora e machista na qual estamos inseridas. “Bela, recatada e do lar” foi também um ato de animalismo instaurando o tempo do impossível em tempos de humanismo necropolítico. “A mudança necessária é tão profunda que se costuma dizer que ela é impossível. Tão profunda que se costuma dizer que ela é inimaginável. Mas o impossível está por vir. E o inimaginável nos é devido. O que era o mais impossível e inimaginável, a escravidão ou o fim da escravidão? O tempo de animalismo é o do impossível e o do inimaginável. Este é o nosso tempo: o único que nos resta”³.

³ <http://www.opovo.com.br/app/colunas/filosofiapop/2014/11/24/noticiasfilosofiapop,3352134/o-feminismo-nao-e-um-humanismo.shtml>. Acesso em 28 de abril de 2016.





Bela, recatada e do lar - registros fotográficos por Lucas Canavarro em abril de 2016